

CAPÍTULO 13

**A VOZ QUEER:
UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO
DO JORNALISMO COM
O ARTIVISMO QUEER**

MARGARIDA LEITE GONÇALVES



Capítulo 13 - A voz queer: uma análise da relação do jornalismo com o artivismo queer

The Queer Voice: an analysis of the relationship between journalism and Queer Artivism

Margarida Leite Gonçalves

Introdução

Atualmente, Portugal dispõe de uma das legislações relativas à proteção e reconhecimento dos direitos da Comunidade LGBTQIA+ mais avançadas do mundo. Porém, a legislação não se traduz em reconhecimento e aceitação social (Guerra, 2022), e neste campo, o país ainda se encontra arreigado a normas e convenções de género e sexo conservadoras. Um exemplo disso é o relatório anual do Observatório da Discriminação Contra Pessoas LGBTI+ da ILGA Portugal (intervenção lésbica, gay, bissexual, trans e intersexo) que, entre 2020 e 2022, recolheu 469 denúncias relativas a preconceito, discriminação e violência relacionadas com identidade de género, expressão de género, orientação ou características sexuais das vítimas (ILGA Portugal, 2023).

Os movimentos pelos direitos das pessoas LGBTI+ são o grande motor de mudança na sociedade portuguesa. O ativismo praticado por este movimento é designado de ativismo sincrético (Santos, 2018), visto possuir uma agenda multifacetada e que atua em várias frentes. Além disso, estes movimentos não operam segundo relações restritas e hierarquizadas, sendo notória a cooperação entre organizações não-governamentais, grupos informais e artistas (Santos, 2018; Tanques, 2012).

A arte é uma poderosa ferramenta de crítica social (Upton-Hansen *et al.*, 2020) e, quando se encontra ao serviço do ativismo, é designada por *artivismo*. Este neologismo entrou no mundo académico no início do século XXI e remete para a criação artística não só consciente, mas com um posicionamento político (Raposo, 2015). No caso do artivismo, as artes impõem-se como mecanismo de resistência ao

status quo e estão ao serviço de uma cidadania ativa e da intervenção política característica das sociedades contemporâneas (Guerra, 2022a).

Guerra destaca que o palco dos artivistas é o espaço público (2022), e as cidades são o espaço de eleição para os artivistas. Todavia, Martins e Campos argumentam que a luta e resistência no espaço público, no caso de artivistas, e artivistas *queer* assume também outra dimensão, o corpo (2024). Os corpos *queer*, tal como os corpos de outros grupos minoritários, são alvos de opressão e estigma. E, por isso, ter soberania e desfrutar de um corpo que a sociedade deseja subalterno e reprimido é um ato político. A dimensão performativa do corpo, a roupa, maquilhagem, tatuagens e postura transmitem mensagens (Hebdige, 1979) que expressam as afiliações sociais, valores e ideais dos indivíduos. A luta pela libertação do corpo *queer* é concomitantemente individual e coletiva. Por fim, recuando ao que é dito inicialmente sobre a falta de aceitação social de pessoas queer na sociedade portuguesa. Este estudo, baseado na investigação para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, versa sobre a mediatização do artivismo *queer* nos órgãos de comunicação portugueses.

Perdura a conceção, em Estudos de Jornalismo, de que o jornalismo é o “Quarto Poder”, ou seja, que em relação aos três outros poderes (executivo, legislativo e judicial) o jornalismo é quem os controla e escrutina, atuando como elo entre a opinião pública e as instituições governamentais (Traquina, 2007). Entre os pensadores deste ramo académico, existe também quem argumente que a imprensa deve ser o instrumento de reforma da sociedade, que agita e impulsiona as reformas sociais (Traquina, 2001). Posto isto, importa perceber se os média são de facto órgãos impulsionadores de mudança ou não. Stuart Hall argumenta que os órgãos de comunicação possuem um poder transformador enquanto órgãos legitimadores e promotores de aceitação social (1993). Ou seja, numa sociedade organizada segundo códigos e normas cisgênero e heteronormativas, pessoas *queer* com identidades não-binárias não cumprem os códigos, saem da norma (Heck, 1972). Considerando que os média são os definidores do “senso comum”, importa perceber de que forma enquadram e mediatizam o trabalho de ativistas, e artivistas *queer*. Se, de facto, atuam enquanto catalisadores de reformas sociais, ou se veiculam a ideologia dominante.

Nota metodológica

Em Portugal, o campo dos estudos *queer* e da produção artística associada ao artivismo é um ramo ainda pouco explorado. Além disso, tal como Guerra enfatiza, estudos realizados sobre desigualdades de género e artivismo, depositam o foco essencialmente nas desigualdades experienciadas por mulheres, ignorando, ou inserindo na mesma categoria, as desigualdades que afetam pessoas *queer* (Guerra, 2022a). Contudo, as desigualdades que afetam indivíduos *queer* são distintas das que afetam mulheres e, por isso, as suas formas de resistência e luta também o são.

Estudar o papel dos media neste ecossistema é crucial. Enquanto órgão legitimador, definidor do “senso comum” (Hall, 1993), os media detêm um papel essencial na promoção de igualdade e aceitação social, possibilitando a desconstrução de noções baseadas no preconceito. Analisar a mediatização de dinâmicas artivistas pode trazer descobertas relevantes para os Estudos de Género e Estudos *Queer*, assim como para o ramo dos Estudos de Jornalismo. A pesquisa foi norteada por uma metodologia de perfil predominantemente qualitativo, dado o tema da investigação ser complexo; e para uma compreensão aprofundada do mesmo, foi necessário cruzar diferentes abordagens metodológicas e materiais empíricos distintos (Cresswell, 2007; Denzin & Lincoln, 2011). A artivista Filipe Sambado foi escolhida como estudo de caso, assim como a mediatização do seu trabalho.

Filipe Sambado é uma artivista, criadora, compositora e produtora de música portuguesa, contando com uma carreira de mais de dez anos na indústria. Sambado tem 39 anos e é uma pessoa não-binária, utilizando preferencialmente pronomes femininos ou neutros. Apesar de ter assumido publicamente a sua identidade não-binária apenas em 2020, a artista sempre teve uma expressão não-normativa e a sua “queerness sempre influenciou o seu trabalho artístico”⁶². A escolha desta artista como estudo de caso prendeu-se não só com o facto de ser uma artista *queer*, mas também com o facto de possuir uma carreira extensa no mundo da música e ter assumido publicamente a sua identidade não-binária recentemente, permitindo avaliar qual a reação dos órgãos de comunicação.

⁶² Excerto da entrevista realizada a Filipe Sambado em maio de 2024

A metodologia adotada consistiu em análise de conteúdo temática-categorial (Bardin, 2012), em que se procedeu à recolha de notícias sobre, ou que mencionassem, Filipe Sambado em três jornais portugueses (*Público*, *Expresso* e *Observador*). Foi elaborado um *corpus* de análise constituído por 141 artigos e foram analisadas as temáticas mais recorrentes em cada artigo, a relação entre elas e de que forma eram tratadas. Os dados resultantes foram cruzados com uma entrevista semidiretiva à artivista.

Caracterização do corpus analítico

O material empírico desta investigação resultou da recolha nos *websites* dos três jornais de todos os artigos sobre, ou que mencionassem, Filipe Sambado entre dezembro de 2019 e março de 2024. Através da recolha sistemática constituiu-se um *corpus* empírico de 141 artigos distribuídos desigualmente pelos três órgãos de comunicação: *Público* (54 artigos), *Expresso* (33 artigos) e *Observador* (54 artigos). No caso do jornal *Expresso*, o número de artigos recolhidos não corresponde ao total de notícias produzidas por este órgão de comunicação, visto o acesso ao arquivo do jornal estar comprometido desde o ataque informático que o grupo IMPRENSA foi alvo no início de 2022 (*Expresso*, 2022; Pereirinha, 2022). Pelo exposto, apenas foi possível ler e analisar quatro dos artigos publicados neste jornal entre 2019 e 2021.

Das notícias recolhidas, foi possível apurar que a maioria (50,4%) apresenta uma dimensão média (entre 3 a 6 parágrafos). Além disso, o género jornalístico dominante é a notícia, contando 118 dos 141 artigos. De se destacar também que a maioria do *corpus* empírico (72,3%) diz respeito a Filipe Sambado de forma indireta, ou seja, a maior parte dos artigos faz menção à artista na sua condição de produtora, colaborações musicais, participações como convidada, ou até, ao ser referida como inspiração por parte de outros artistas. Por fim, um tema que se tornou relevante pela sua recorrência na amostra foi o Festival RTP da Canção. Filipe Sambado participou no Festival RTP da Canção em 2020 e 21,3% do material empírico está relacionado com este concurso musical e a participação da artista (e consequentes aparições e atuações como convidada).

Não é só roupa: códigos de ação queer, processos de reconstrução identitária e queerness

A primeira categoria da análise temática-categorial debruçou-se sobre códigos de ação *queer* e como estes eram retratados nos jornais selecionados. Foram considerados códigos todos os comportamentos, elementos estéticos, questões de identidades não-normativas e linguagem associadas a formas de auto expressão e resistência à heteronormatividade. Nos jornais, os códigos mais vezes identificados em notícias associadas a Filipe Sambado foram: estética *queer*, experiências/vivências não normativas e identidades de género não-binárias. Para uma análise em profundidade foram selecionados três artigos, um de cada jornal, sobre a estreia do novo álbum de Sambado, *Três Anos de Escorpião em Touro*, lançado no final de setembro de 2023.⁶³

Os três artigos eram longos e exploravam as inspirações de Sambado, falavam com a artista sobre a sua vida pessoal e sobre o lançamento do novo álbum. A referência a sua identidade não-binária é feita nos artigos, porém com diferenças. No jornal *Expresso* é notória uma preocupação em explicar ao leitor o que é uma identidade não-binária: “Ou seja, que não se identifica exclusivamente com o género masculino, nem apenas com o feminino, e que prefere para si os pronomes neutros ou femininos” (Mendonça & Fernandes, 2023). No caso do jornal *Público* esta explicação não é clara e é, contudo, feita referência ao processo de descoberta e transformação da identidade de Sambado. Já no jornal *Observador*, a questão identitária não é explorada: é feita referência à “reafirmação de género” e ao facto de Sambado ser uma pessoa não-binária, mas o artigo fica por aí.

Além disto, nos artigos do *Expresso* e do *Público*, é feito um enquadramento interessante: a coragem. Sambado é retratado como uma pessoa que “deixou de ter

⁶³ Artigos utilizados: Rocha, M. & Fieschi, M. (2023, 29 de setembro). Como Filipe Sambado deixou de ter medo de ser. *Público*. <https://www.publico.pt/2023/09/29/culturaipsilon/entrevista/filipe-sambado-deixou-medo-2064511> ; Mendonça, B., Ribeiro, J., & Fernandes, J. (2023, 20 de outubro). Filipe Sambado: “Não grito no café ‘sou uma pessoa não binária! Nós queremos é que nos tratem bem e que possamos ver a bola juntos. *Expresso*. <https://expresso.pt/podcasts/a-beleza-das-pequenas-coisas/2023-10-20-Filipe-Sambado-Nao-grito-no-cafe-sou-uma-pessoa-nao-binaria-Nos-queremos-e-que-nos-tratem-bem-e-que-possamos-ver-a-bola-juntos-e0f0b031> ; Farinha, R., & Amorim, F. (2023, 27 de setembro). “Três Anos de Escorpião em Touro”: a hyperpop de Filipe Sambado. *Observador*. <https://observador.pt/2023/09/27/tres-anos-de-escorpiao-em-touro-a-hyperpop-de-filipe-sambado/>

medo” (Rocha & Fieschi), como um exemplo de coragem e bravura. Todavia, este enquadramento pode ser problemático na medida em que desfoca a questão do preconceito e discriminação contra pessoas *queer* como sendo um problema da sociedade, colocando a tónica numa coragem ilusória de que pessoas *queer* necessitam ter para se poderem expressar livremente e ocupar o espaço público.

Considerando, tal como Marina Heck, que a ideologia é um sistema que codifica a realidade e é a lente através da qual percecionamos o mundo, qualquer discurso, científico ou jornalístico, pode ser submetido a uma leitura ideológica (1972). Ora, é interessante analisar o título da notícia do *Expresso* nesta perspetiva: “*Não grito no café 'sou uma pessoa não binária!' Nós queremos é que nos tratem bem e que possamos ver a bola juntos*” (Mendonça & Fernandes, 2023). O título é retirado de uma citação proferida pela artista, porém, impõe-se a questão: por que este título que faz referência a uma atividade profundamente masculinizada e heteronormativa? Uma identidade não-binária não se insere na estrutura dominante, não respeita a ideologia vigente, Hall chama a isto uma “problematic situation” (1993, p.72), ou seja, uma circunstância em que as normas vigentes não conseguem definir nem inserir na sua estrutura esta identidade. A referência de destaque ao futebol pode ser encarada como uma tentativa de inserir ou aproximar Sambado dos códigos ideológicos vigentes, de a tentar inserir numa estrutura que esta rejeita. Por fim, a estética de Sambado é um elemento central tanto da sua identidade queer como do seu trabalho enquanto artivista. Nos seus espetáculos e videoclipes, Sambado dança, usa saias, pintas as unhas e os lábios, e a isto, junta elementos da cultura popular e religiosa portuguesa (Guerra, 2023a).



Figura 13.1 - Frame do Videoclipe *Jóia da Rotina*, de Filipe Sambado (2020)
Fonte: Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=iSLmp7itNSk>

Através do corpo, servindo-se da performance e da estética, Sambado reivindica um espaço para pessoas queer (Martins & Campos, 2024) numa indústria criada para a fruição de homens e mulheres heterossexuais e cisgênero (Guerra, 2022b). A estética é central no trabalho artivista de Sambado, mas nos artigos analisados não lhe é dada relevância, sendo encarada como meras escolhas estéticas.

Um “homem de saia” ou uma pessoa não binária: a relação do artivismo queer com os média

A segunda categoria de análise consistiu em analisar quais as notícias do *corpus* de análise faziam menção ao artivismo presente na obra de Sambado, ou seja, se era estabelecida uma ligação entre a estética disruptiva (Guerra, 2023b), as sonoridades experimentais e as letras das músicas como uma forma de reivindicação, denúncia e resistência - não era necessário a palavra *artivismo* estar presente no artigo.

Dos artigos analisados, apenas 12,8% exploravam a vertente artivista da obra de Sambado. Porém, como elucidado por Hall e Heck, os média não são isentos de presença ideológica e desempenham um papel crucial enquanto definidores do “senso comum”, das relações sociais e dos problemas políticos (1993; 1972). Relembrando que a ideologia é um sistema que codifica a realidade, e, por isso, é autónoma em relação à consciência e intenções dos agentes (Heck, 1972). Urge olhar não apenas para o conteúdo da mensagem, mas a forma como esta é transmitida, o que é dito e de que forma é feito.

Seguindo o argumento de Ana Cristina Santos, de que existem três enquadramentos possíveis para assuntos relacionados com temas da Comunidade LGBTQIA+ (entretenimento, fonte credível ou enquadramento homofóbico e/ou transfóbico) (2018), em artigos relacionados com Sambado, o que prevalece é o enquadramento do entretenimento, sendo recorrentemente mencionada em notícias sobre novos lançamentos, concertos, espetáculos, intimamente ligadas com a sua produção cultural, mas não existindo profundidade na exploração do trabalho. Este aspecto tem um destaque notório no *Expresso*.

Contudo, mesmo em artigos que falam do trabalho da artista de forma mais extensiva, a faceta artivista e política da sua obra é ignorada ou pouco explorada. O ativismo de Sambado materializa-se de forma individual (Guerra, 2023b), no palco

e, apesar de não constituir o “convencional” ativismo, como as manifestações, é uma importante vertente da resistência. Ao estar num palco, a cantar sobre a sua experiência *queer* individual, Sambado reivindica um espaço na esfera pública e denuncia os preceitos transfóbicos e homofóbicos da sociedade portuguesa. Este tipo de ativismo individual através das práticas artísticas coloca os indivíduos numa posição mais frágil visto estarem a dar a cara pelas causas (Guerra, 2022a).

Teóricos como Hall e Martins e Campos põem em evidência que estas formas alternativas de fazer política, por oposição a processos eleitorais e partidos, são cada vez mais comuns nas camadas mais jovens da sociedade, principalmente em grupos minoritários, como a Comunidade *Queer*, que numa democracia pluralista são mantidos à margem pois não defendem a continuação da estrutura política vigente (Hall, 1993; Guerra, 2025). Talvez por isso, é que esta faceta do trabalho de Sambado permanece pouco explorada nos media.

Além disso, Sambado salientou também, na entrevista para esta investigação, as diferenças de tratamento das quais foi alvo após ter assumido publicamente a sua identidade não-binária:

Embora ela [queerness] já estivesse latente no meu trabalho, não era uma coisa assumida ou afirmada. É interessante como me parece que é mais fácil para as pessoas aplaudirem um homem de saia do que uma pessoa não-binária, e até ao momento em que experienciei isso, achei que poderia ser um exagero.

Estamos novamente perante o que Hall descreve como “problematic situation” (1993, p.72), porque enquanto um homem de saia é “aplaudido” por ser aparentemente subversivo, continua a ser um homem que pertence a uma estrutura dominante que o beneficia. Um homem de saia não perturba as normas estabelecidas. Pelo contrário, uma pessoa não-binária não “joga segundo as regras” e, por isso, constitui um problema, visto não existir conhecimento prévio, significados ou interpretações onde possa ser inserida (1993).

[...] situações desconhecidas, problemáticas ou ameaçadoras: onde não há “sabedoria tradicional”, nem redes firmes de influência pessoal, nem cultura coesa, nem precedentes para ação ou resposta relevante, nem maneira direta de testar ou validar as proposições à nossa disposição para confrontar ou modificar seu poder inovador (Hall, 1993, p.72).

É neste vazio de conhecimento que os media assumem um papel crucial como órgão legitimador e definidor da realidade (Hall, 1993). No caso de Sambado, ela

avança que, após ter assumido a sua identidade não-binária publicamente e esta estar mais evidente na sua música, o seu trabalho passou a gerar mais controvérsia: “Da mesma forma que foi muito mais efervescente na forma como foi recebido [o novo álbum, *Três Anos de Escorpião em Touro*] pelas pessoas, foi também muito mais odiado”.

Festival RTP da Canção e “mais um grão de areia na engrenagem”

Para esta última categoria de análise vale a pena recordar o excerto de uma entrevista de Sambado ao jornal *Observador*, a 23 de janeiro de 2020, sobre a sua participação no Festival RTP da Canção (FRTPC):

“Aliciou-me... [baixa o tom da voz] o dinheiro. E a visibilidade que aquilo pode dar. O Rui Miguel Abreu, que foi júri o ano passado, disse-me uma coisa que me ficou na memória: aproveita para ir e pôr mais um grão de areia na engrenagem. Lá assumi que ia participar e quando fiz a canção decidi que ia escrever uma letra sobre a forma como encaro o festival”.
(Sambado in Correia, 2020)

Ora, ao longo da análise do *corpus* empírico, destacou-se um padrão claro: a associação de Filipe Sambado ao Festival RTP Da Canção. Este festival surge em 1964, por vontade da Rádio e Televisão Portuguesa em participar no concurso musical internacional, Festival Eurovisão da Canção (Lopes, 2017). O Festival RTP Da Canção é o concurso musical mais longo da história da televisão portuguesa e detém um elevado potencial mediático. Sendo uma competição de canções e não de artistas, o certame afigura-se como uma oportunidade de artistas emergentes alcançarem novos públicos.

No decorrer das últimas seis décadas, o Festival RTP Da Canção tem sido uma ferramenta de divulgação e promoção de composições originais. Ademais, tem impulsionado compositores, intérpretes, artistas, letristas e outros profissionais da área da música, estimulando a produção musical original (Lopes, 2016).

Mas o Festival RTP Da Canção e, consequentemente, o Festival Eurovisão da Canção, vão para além da música. A canção vencedora no Festival RTP Da Canção representa Portugal no certame internacional e, para os diferentes países concorrentes, este *display* mediático representa uma oportunidade de construir uma imagem para transmitir ao resto da Europa (Gonçalves, 2019).

Dado que desde o seu começo o Festival Eurovisão da Canção é um reflexo das mudanças na Europa e no mundo (Rosenberg, 2020), a análise das canções a concurso, e as diferentes canções que cada país levou ao certame internacional ao longo dos anos, afiguram-se um bom fio condutor da análise das transformações geopolíticas, económicas e sociais ao longo dos anos. No caso português, até ao final dos anos 1960 as canções que representaram o país estavam intimamente ligadas com os valores do Estado Novo. Porém, no final dessa década, é notório um esforço e uma abertura do país para se aproximar da produção cultural do resto da Europa, levando ao certame, em 1969, o tema *Desfolhada*, representado por Simone de Oliveira (Lopes, 2015). A partir da Primavera Marcelista, um período de relativa modernização e liberalização do regime, os artistas portugueses aproveitaram o palco do Festival Eurovisão da Canção para expor e criticar os problemas do país (Gonçalves, 2019).

Apesar do Festival Eurovisão da Canção possuir uma vasta audiência queer e, ao longo dos anos, ter vindo a acomodar códigos e representações queer (Baker, 2017), ao nível nacional não existe nenhum artista assumidamente queer que tenha representado Portugal no concurso internacional (RTP Arquivos, s/d). Filipe Sambado participou no Festival RTP Da Canção em 2020, como o tema *Gerbera Amarela do Sul*. Apesar de ser a canção favorita do júri, os votos do público selecionaram *Medo de Sentir*, da artista Elisa Silva. A participação de Sambado no concurso valeu-lhe relativa exposição mediática, sendo que, da totalidade do *corpus* empírico, 21,3% dos artigos diziam respeito ao Festival RTP Da Canção. Repetindo o procedimento já realizado em categorias anteriores, foram selecionados alguns artigos-exemplo⁶⁴ a fim de serem analisados em profundidade.

A performance de Sambado é recorrentemente descrita como “moderna”, as roupas que utilizou durante a atuação são classificadas como “elaboradas” ou “excêntricas”. Em Sambado, a encenação e a imagética são formas de representação da sua identidade queer (Guerra, 2022), além disso, na sua atuação no Festival RTP

⁶⁴ Nogueira, R. (2020, 23 de fevereiro). Bárbara Tinoco, Elisa, Filipe Sambado e Throes+The Shine na final do Festival da Canção. Público. <https://www.publico.pt/2020/02/23/culturaipsilon/noticia/barbara-tinoco-elisa-filipe-sambado-throes-the-shine-final-festival-cancao-1905244>

Correia, G., & Cipriano, R. (2020, 29 de fevereiro). Conheça todos os oito finalistas do Festival da Canção. Observador. <https://observador.pt/2020/02/29/acabou-a-segunda-semifinal-conheca-todos-os-finalistas-do-festival-da-cancao/>

Da Canção, a ironia, o *kitsch*, eram elementos com uma presença muito forte. As vestes negras enlutadas que ilustram a melancolia tão inerente à cultura portuguesa, a maquilhagem com uma lágrima no rosto, as joias pesadas e até os curtos calções de vinil preto revelados no final, que desafiam as normas do “bom gosto”. Todas estas escolhas estéticas e o constante diálogo entre a tradição e modernidade - que nos remete para o trabalho de António Variações (Guerra, 2017) - são símbolos, mensagens (Hebdige, 1979) que passam despercebidos, ou são ignorados pelos média, sendo descartados como mera excentricidade e exuberância.

Por fim, a música que Sambado levou a concurso era política e a artista criticou abertamente a sociedade contemporânea, cada vez mais polarizada e orientada pela “ciência de opinião”⁶⁵. Tal como descrito no excerto no início desta secção, o fator monetário foi relevante para a participação da artista no concurso, mas “pôr mais um grão de areia na engrenagem” (Sambado *in* Correia, 2020) foi uma das razões que levou Sambado a participar.

O intuito da artista com a sua participação no Festival RTP Da Canção foi político, desde a canção à performance. A participação no concurso permitiu que a sua mensagem alcançasse outros públicos, mais vastos, que de outra forma não conseguiria alcançar. Esta tática utilizada por artivistas é evidenciada por Paulo Raposo, que destaca que o diálogo e a cooperação, por parte de artivistas, com os média *mainstream*, tem como último propósito chegar a audiências mais vastas, disputando e questionando as narrativas hegemónicas e heteronormativas veiculadas pelo poder.

Conclusão

Em suma, a investigação explorou a complexa relação entre os média portugueses e o artivismo *queer*. O estudo de caso reteve-se apenas a uma artista e na cobertura jornalística sobre a mesma na imprensa escrita. Esta investigação almeja ser um ponto de partida para o cruzamento entre Estudos dos Média e Estudos *Queer*,

⁶⁵ Festival da Canção. (2020, 7 de Março). Filipe Sambado- “Gerbera amarela do sul”| Grande Final| Festival da Canção 2020. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=JlInM2EE6hU>

demonstrando que os discursos dos média têm impacto nos artivistas *queer* e na forma como estes são percecionados pela sociedade.

Em Portugal, a aceitação social das pessoas da comunidade LGBTQIA+ ainda está muito aquém do seu reconhecimento legislativo. Como discutido, os média detêm o papel de órgão legitimador da sociedade e perante a falta de aceitação social e discriminação que pessoas queer são alvo são uma ferramenta crucial de ampliação das suas vozes.

Apesar de conter algumas limitações, nomeadamente o facto de se restringir a uma artista e a apenas três órgãos de comunicação de imprensa escrita, a investigação qualitativa permitiu apurar que, de facto, Filipe Sambado recebe atenção mediática por parte da imprensa escrita, porém existe uma tendência a minimizar a vertente política e artivista da sua obra. Algo que ilustra este facto é a sua participação no Festival RTP Da Canção, levando a palco uma canção política e, apesar de lhe ter sido dada atenção mediática por conta da sua atuação, a mensagem política da música foi recorrentemente esquecida.

Finalmente, apesar de a identidade não-binária de Sambado ter sido respeitada, após a artista a ter revelado publicamente, foi notório em alguns artigos uma tentativa de aproximação da artista a um espelho masculino, pondo em destaque referências a atividades como o futebol, por exemplo. É importante também não esquecer o testemunho da própria artista, que revela que o facto de possuir uma identidade não-normativa, e a expressar abertamente no seu último álbum lhe valeu alguns atos discriminatórios por parte de colegas de trabalho e órgãos de comunicação. Posto isto, é possível concluir que, apesar de os média darem espaço mediático a artivistas *queer*, analisando o que é dito e a forma como é feito (Heck, 1972) é possível constatar que é veiculada uma ideologia e códigos heteronormativos. Para o jornalismo executar o seu papel como órgão transformador, é necessário que a cobertura mediática vá além da superficialidade e reconheça as questões políticas que movem os artivistas *queer*.

Referências Bibliográficas

- Baker, C. (2015). Gender and geopolitics in the Eurovision Song Contest. *Contemporary Southeastern Europe*, 2(1), 74–93.
- Baker, C. (2017). The ‘gay Olympics’? The Eurovision Song Contest and the politics of LGBT/European belonging. *European Journal of International Relations*, 23(1), 97–121.
- Bardin, L. (2012). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Boubia, A. (2015). “Artivism” in the Arab world: A major driving force towards democracy. *Papers IEMED*, 320–323.
- Butler, J. (2017). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Editora Orfeu Negro.
- Craig, S. L., McInroy, L., McCready, L. T., & Alaggia, R. (2015). Media: A catalyst for resilience in lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer youth. *Journal of LGBT Youth*, 12(3), 254–275.
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry & research design: Choosing among five approaches*. Sage Publications.
- Denzin, N. K. (2009). The elephant in the living room: Or extending the conversation about the politics of evidence. *Qualitative Research*, 9(2), 139–160.
- Expresso (2022). O ataque ao Expresso e à SIC: 11 esclarecimentos aos nossos leitores espectadores. Expresso. <https://expresso.pt/sociedade/2022-01-05-o-ataque-ao-expresso-e-a-sic-11-esclarecimentos-aos-nossos-leitores-e-espectadores>
- Foucault, M. (1978). *The history of sexuality. Volume I: An introduction* (Vol. 1). Pantheon Books New York.
- Giffney, N. (2009). Introduction: The “q” word. In N. Giffney & M. O’Rourke (Eds.). *The Ashgate research companion to queer theory* (pp. 2–13). Routledge.
- Gonçalves, M. M. de O. V. (2019). O Festival RTP da Canção e a participação de Portugal no Festival Eurovisão da Canção no Telejornal (1969 e 2017).
- Guerra, P. (2017). António e as variações identitárias da cultura portuguesa contemporânea. *Ciências Sociais Unisinos*, 53(3). <https://doi.org/10.4013/csu.2017.53.3.11>
- Guerra, P. (2022a). Barulho! Vamos deixar cantar o Fado Bicha. Cidadania, resistência e política na música popular contemporânea. *Revista de Antropologia USP*, 65(2), <https://doi.org/10.11606/1678>
- Guerra, P. (2022b). Os desacordes do fado e do folclore na modernidade tardia. Um trajeto pelos artivismos musicais do Fado Bicha e de Filipe Sambado. In *A(r)tivismos urbanos: (sobre)vivendo em tempos de urgências* (pp. 221–250). Editora Sulina.
- Guerra, P. (2023a) Ninguém nos ensina como viver. Ana da Silva, The Raincoats e a urgência de (re)existir. *MODOS: Revista de História da Arte, Campinas*, 7(1): 212–249.
- Guerra, P. (2023b). DIY, fanzines and ecofeminism in the Global South: ‘This city is my sister’. *DIY, Alternative Cultures & Society*, 1(3), 299–311.
- Guerra, P. (2025). Artes feministas para alegrar becos tristes: gênero, DIY e outras cenas artísticas no sul global. *Estudos de Sociologia, Araraquara*, v. 30, n. 2, 577-596.

- Hall, S. (1993). Deviance, politics and the media. In H. Abelove, M. A. Barale, & D. M. Halperin (Eds.), *The lesbian and gay studies reader* (pp. 62–91). Routledge.
- Hebdige, D. (1979). *Subculture: The meaning of style*. Routledge.
- Heck, M. C. (1972). The ideological dimensions of media messages. In S. Hall, D. Hobson, A. Lowe, & P. Willis (Eds.), *Culture, media, language* (pp. 110–116). Routledge.
- ILGA Europa. (2023). *Annual review of the human rights situation of lesbian, gay, bisexual, trans and intersex people in Europe and Central Asia*.
- ILGA Portugal. (2023). *Observatório da discriminação contra pessoas LGBTI+ em Portugal: Relatório anual 2020-2022*. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7966730>
- Lopes, S. I. F. V. (2016). “... E ergueram orgulhosas bandeiras...”: Portugal e a Europa no Festival RTP da Canção. http://media.wix.com/ugd/b80448_6fcf8829c02e4cedad8f63dde8ba21ef.pdf
- Lopes, S. V. (2017). Portugal no coração: Música e performance no Festival RTP da Canção enquanto veículos de narrativas identitárias. In R. Ribeiro, V. de Sousa, & S. Khan (Eds.). *A Europa no mundo e o mundo na Europa: Crise e identidade. Livro de Atas* (pp. 150–165). CECS.
- Martins, J. C. F., & Campos, R. M. de O. (2024). The body as theme and tool of artivism in young people. *European Journal of Cultural Studies*, 27(2), 232–252.
- Oliveira, Â. F. C. (2023). Representação da comunidade LGBTQIA+ nas séries de ficção nacional da RTP.
- Pereirinha, T. (2022). Ataque informático destruiu arquivos do Expresso e da SIC. *Observador*. <https://observador.pt/2022/01/05/ataque-informatico-destruiu-arquivos-do-expresso-e-da-sic/>
- Raposo, P. (2015). “Artivismo”: Articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 4(2), 3–12.
- Rosenberg, T. (2020). Rising like the Eurovision Song Contest: On kitsch, camp, and queer culture. *Lambda Nordica*, 25(2), 94–113.
- RTP Arquivos. (2023, março). Festival RTP da Canção. RTP. <https://arquivos.rtp.pt/colecoes/festival-rtp-da-cancao/page/1/#filters>
- Santos, A. C. (2018). Luta LGBTQ em Portugal: Duas décadas de histórias, memórias e resistências. *Revista TransVersos*, 14, 36–51.
- Traquina, N. (2007). *O que é jornalismo*. Quimera Editores.
- Tanques, F. J. (2012). *Movimento LGBT de Portugal e Espanha: Um estudo comparativo*.
- Tavares, P. M. G. (2022). *Cenários de insegurança: Contributos do interaccionismo simbólico para uma análise sociológica da construção mediática do desvio*.
- Upton-Hansen, C., Kolbe, K., & Savage, M. (2021). An institutional politics of place: Rethinking the critical function of art in times of growing inequality. *Cultural Sociology*, 15(2), 171–190. <https://doi.org/10.1177/1749975520964357>
- Wolfreys, J. (2004). *Critical keywords in literary and cultural theory*.

